

Covid-19 e Gripe Espanhola: paralelos fotográficos¹

Eduardo Leite VASCONCELOS²

Suzana Oliveira BARBOSA³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

O presente trabalho é a primeira fase de um estudo de caso feito para a tese em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Póscom/UFBA) deste pesquisador. Na tese, partimos do pressuposto de que a manipulação é condição necessária à existência de toda e qualquer fotografia (SONTAG, 2004; MACHADO, 2005; FONTCUBERTA, 2010; entre outros), seja no momento do clique ou no pós, para identificar como o fotojornalismo se vale da criação de narrativas, a partir da manipulação, para conseguir transmitir informações a quem vê essas fotografias. Foi escolhido, para o estudo de caso como ilustração (MACHADO, PALACIOS, 2010), o momento da pandemia de Covid-19, já que o fato de o vírus ser um agente invisível que precisa ser retratado em imagem faz com que a agência do fotógrafo sobre as imagens que produz fique ainda mais evidente. Neste artigo especificamente, buscamos resgatar fotografias feitas durante a pandemia de Gripe Espanhola e colocar essas imagens em comparação com a de Covid-19 a partir de uma análise qualitativa iconográfica e iconológica (KOSSOY, 2020). Esses dois momentos foram escolhidos para este estudo diacrônico por conta das similaridades entre as duas doenças — ambas causadas por vírus de RNA, transmitidos pelo ar, que entram no organismo pelas vias respiratórias,

¹ Trabalho apresentado na DT 4 — Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Poscom/UFA), membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL), email: eduardoleitev@gmail.com.

³ Orientadora, professora do Programa Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Poscom/UFA), coordenadora do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL), email: suzana.barbosa@gmail.com

com sintomas similares, assim como modos de prevenção e tratamento —, suas mortalidades — ambas as maiores pandemias de seus séculos, com milhões de mortos no mundo inteiro — e o modo como se espalharam ao redor do globo (BARRY, 2020). Portanto, apesar da falta de referências imagéticas em coberturas de pandemias dessa magnitude, são as duas únicas grandes pandemias fotografadas, não é de se espantar que, mesmo com cem anos de diferença entre as duas doenças, e todo o contexto social e tecnológico que as diferencia e as separa no tempo, as imagens feitas durante a pandemia de Gripe Espanhola se assemelhem tanto às de Covid-19. Para atingir ao objetivo proposto — buscar semelhanças e diferenças entre as imagens feitas nessas que são as duas maiores pandemias do mundo moderno —, foram analisadas cinco fotografias (ou conjuntos de fotografias) escolhidas pelos temas e discussões que evocam e colocadas em comparação com imagens estética ou tematicamente semelhantes para entender como tais fotografias se assemelham e em que se diferem umas das outras, cada uma delas ressaltando um aspecto significativo da cobertura fotográfica de ambas as pandemias. O que faremos neste artigo é, portanto, olhar meticulosamente fotografias emblemáticas da pandemia de Gripe Espanhola, buscando imagens semelhantes na pandemia de Covid-19, não ficando tais similaridades restritas aos aspectos plásticos das fotografias, mas também à vasta gama de significados que tais imagens têm quando olhadas da atualidade. “Interpretar uma mensagem, analisá-la, não consiste certamente em tentar encontrar ao máximo uma mensagem preexistente, mas em compreender o que essa mensagem (...) provoca de significações aqui e agora” (JOLY, 1996, p. 44). Isso porque uma análise de imagens é necessariamente um trabalho interpretativo, que olha para o evento inscrito na fotografia a partir do que Kossoy chamou de segunda realidade do documento fotográfico: “a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica” (KOSSOY, 2009, p. 37). Isso fará com que consigamos perceber como as pandemias e epidemias vêm sendo retratadas desde a invenção da câmera fotográfica, de acordo com o que Lynteris denominou como fotografia epidêmica (2016), até hoje e entender as particularidades imagéticas de uma pandemia tão visual, como a de Covid-19, em que o aparelho fotográfico está ao alcance das mãos de bilhões de pessoas com capacidade de fotografar o mundo praticamente *ad infinitum*. O que percebemos, depois da análise, foram os diversos elementos plásticos são recorrentemente escolhidos por fotógrafos ao

longo da história para retratar pandemias e epidemias. São os elementos fundamentais que deverão, no futuro, localizar mais que espacial, temporalmente aquelas imagens no decorrer da história. As máscaras sobre o rosto, os cartazes indicando modos de prevenção e combate à doença, a figura da equipe médica retratada como equipe de heróis, o apagamento do indivíduo adoecido como parte de uma massa amorfa de contaminados e mortos. Esses são alguns elementos que se repetem tanto nas imagens da pandemia da Gripe Espanhola como na de Covid-19 e que marcam esses acontecimentos. Não é impossível vermos, por exemplo, na pandemia de Covid-19, pessoas saindo às ruas sem máscaras, mas a evidência é dada sempre de modo a deixar claro para quem vê aquelas imagens que tal fotografia foi feita durante a pandemia, quando a máscara se tornou norma, então ela precisa estar na imagem. Esses são indícios, portanto, para a conceituação de uma estética da fotografia de pandemia e epidemias, como já problematizado por Lynteris (2016), atrelada às condições de produção de imagens de cada época. Já o que difere as duas pandemias são consequências dos cem anos que separam o fim da pandemia de Gripe Espanhola, em 1920, com o início da de Covid-19, em 2020. Essas mudanças são vistas nos aspectos culturais e tecnológicos de cada época. A pandemia de Gripe Espanhola se espalhou pelo mundo com o contato de pessoas de diversos países nos locais de combate da Primeira Guerra Mundial (BARRY, 2020), eclodindo juntamente com o surgimento do próprio fotojornalismo, ambos fazendo parte do que Amar (2005) chamou de “mundialização dos problemas”. A de Covid-19, por sua vez, em um mundo sem guerras generalizadas, se espalha devido a um mundo em plena globalização e circulação regular de milhões de pessoas entre continentes. No que diz respeito especificamente à fotografia, a digitalização e incorporação do aparelho fotográfico a telefones celulares e redes sociais da internet teve papel fundamental no aumento significativo de pessoas produzindo imagens de modo a ser cada vez mais raro um evento não ser fotografado (FONTCUBERTA, 2016). São feitas, diariamente, durante a pandemia de Covid-19, mais fotografias do que durante toda a pandemia da Gripe Espanhola, por grupos completamente distintos. Tem-se, portanto, a gigantesca personalização da fotografia de equipes médicas e pacientes em contraste com o apagamento do indivíduo feito pelas imagens do fotojornalismo. No momento em que escrevemos este artigo, as redes sociais da internet viam surgir um sem-número de

fotografias de pessoas sendo vacinadas. Mas não apenas. A preparação em casa para a vacina. A roupa de ir tomá-la. O caminho até o posto de vacinação. O momento da furada da agulha. A comemoração. O cartão de vacinação. Todo o roteiro sendo fotografado de modo frenético. Enquanto no fotojornalismo, por sua vez, o enfoque é na multidão da fila da vacina, pessoas muitas vezes sem nome. Essa proliferação gigantesca de imagens, problematizada por Joan Fontcuberta em sua obra *La fúria de las imágenes* (2016), pode ser indício da saturação que vemos ocorrer com cada vez mais frequência das imagens de sofrimento que não mais chocam tanto quanto no momento em que aquelas calamidades eram novidade. Porém, como já explicitado por Susan Sontag (2003), essa já era a lógica da mídia massiva, principalmente da televisão, com imagens que se sucedem a todo momento, sem pausas. Estamos diante, talvez, de uma exacerbação dessa lógica midiática e de sua transferência para o fazer fotográfico vernacular, que deixa de ser apenas restrito para conhecidos e passa a ter alcances cada vez maiores.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; pandemia; iconografia; iconologia; fotojornalismo.

REFERÊNCIAS

AMAR, Pierre-Jean. *El fotoperiodismo*. Buenos Aires: La Marca, 2005.

BARRY, John M. *A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FONTCUBERTA, Joan. *O beijo de Judas: fotografia e verdade*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

_____. *La fúria de las imágenes*. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2016.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

_____. *Fotografia & História*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

LYNTERIS, Christos. *The prophetic faculty of Epidemic Photography: Chinese wet markets and the imagination of the next pandemic*. Visual Anthropology, v.29, 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08949468.2016.1131484?journalCode=gvan20>. Acesso em: 20 de julho de 2021.

_____. *How photography has shaped our experience of pandemics*. Apollo Magazine, 2020. Disponível em: <https://www.apollomagazine.com/photography-pandemics>. Acesso em: 21 de julho de 2021.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**. São Paulo: Gustavo Gili, 2005.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL**. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (org). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.